



A radiogaláxia gigante foi detetada com o radiotelescópio MeerKAT, na África do Sul. Em fundo é apresentado o céu na luz visível e, sobreposto, a emissão no rádio representada a vermelho

DUAS NOVAS GALÁXIAS GIGANTES

Numa pequena região do céu, um grupo de astrofísicos, no qual se inclui o investigador do Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço, José Afonso, encontrou não uma mas duas novas radiogaláxias gigantes – os maiores objetos do Universo, que projetam jatos de matéria da sua região central até muito além dos limites da própria galáxia. Detetáveis nas frequências rádio, conhecem-se menos de mil destes objetos, pelo que se pensava que eram relativamente raros. Agora esta dupla descoberta vem lançar fortes suspeitas de que afinal “as radiogaláxias gigantes não são assim tão raras”, sublinha José Afonso, professor na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Só o desenvolvimento de radiotelescópios, como o MeerKAT, instalado na África do Sul, que apanhou os sinais, permite identificar objetos desta natureza. Apesar de ser um telescópio de teste, em preparação para o grande super-telescópio SKA, que será instalado naquele país e também na Austrália, num dos maiores projetos científicos da história, já foi possível extrair dados de qualidade, divulgados num artigo científico publicado na Monthly Notices of the Royal Astronomical Society. São visíveis em cada uma destas galáxias dois jatos opostos, típicos de galáxias com núcleo central ativo, de enorme dimensão, estendendo-se pelo espaço intergaláctico. “Temos estado a detetar apenas ‘o topo do iceberg’ da população de radiogaláxias gigantes, e uma fase tão importante na vida de uma galáxia, a da galáxia ativa, é muito mais comum do que pensávamos.” **S.S.**